

# 25º CONGRESSO EDUCAÇÃO: MUTAÇÕES E PRÁXIS

21 a 24 de OUTUBRO de 2014 | Palácio das Convenções do Anhembi-SP



## SINPEEM

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP

# SINOPSES



De 21 a 24 de outubro de 2014, os delegados eleitos em suas unidades participam do 25º Congresso do SINPEEM, com o tema central “Educação: mutações e práxis”.

Durante os quatro dias do evento, os participantes contarão com 32 palestras, além do painel de abertura do Congresso. Serão debatidos temas de fundamental importância para os profissionais de educação, desde a alfabetização, práticas educativas, violência, economia e política até o uso de tecnologias em sala de aula, educação ambiental, inclusão, saúde, neurociências, entre outros.

Para garantir aos delegados melhor aproveitamento durante o 25º Congresso do SINPEEM, este caderno contém as sinopses das palestras.

A DIRETORIA

CLAUDIO FONSECA  
Presidente



---

**SINPEEM**

---

**SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP**

***Observação: os textos e a revisão dos mesmos são de EXCLUSIVA responsabilidade dos autores.***

**Até o fechamento deste caderno alguns palestrantes não haviam entregado suas sinopses, impossibilitando a impressão destes textos para o 25º Congresso.**

# 21 de outubro

|                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| Educação: mutações e práxis .....                                         | 5  |
| Educação: impasses e desafios .....                                       | 6  |
| Jogos cooperativos e a pedagogia da<br>cooperação na escola .....         | 7  |
| Professor como sujeito de transformação:<br>identidade e trajetória ..... | 9  |
| Drogas e gravidez na adolescência numa<br>abordagem educacional .....     | 10 |
| O uso das interfaces midiáticas na sala de aula .....                     | 11 |
| Avaliação: necessidades e resistências .....                              | 13 |
| Formação necessária ao quadro de apoio<br>e a sua valorização .....       | 14 |

# 22 de outubro

|                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Relações interpessoais: verbais e não verbais .....                               | 15 |
| Educação infantil: educando para a vida .....                                     | 18 |
| Qualidade de vida em qualquer idade .....                                         | 20 |
| Produção de texto: resgatando a colaboração<br>dos grandes mestres .....          | 22 |
| A potência autoral da alegria de ensinar e<br>aprender na educação infantil ..... | 24 |
| Prática de ensino: criatividade em sala de aula .....                             | 26 |
| A arte cinematográfica na educação .....                                          | 27 |
| Prevenção de doenças do trabalho .....                                            | 28 |

## 23 de outubro

|                                                                                           |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Professor leitor, professor escritor:<br>caminhos para a literatura em sala de aula ..... | 30 |
| Cultura popular e linguagem oral .....                                                    | 32 |
| Neurociências frente aos desafios da atualidade ...                                       | 34 |
| Entender como se aprende para aprender<br>como se ensina .....                            | 36 |
| Heranças culturais: índios e africanos .....                                              | 37 |
| Educação e a nova ordem mundial .....                                                     | 39 |
| Inquietações no Brasil atual .....                                                        | 41 |
| Planos de educação: para quem? .....                                                      | 42 |

## 24 de outubro

|                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------|----|
| Educando para a superação. Utopia? .....                         | 43 |
| Novos conceitos para humanizar o cotidiano .....                 | 44 |
| Políticas públicas: mutações e conflitos .....                   | 46 |
| Universo musical e o gênero feminino .....                       | 47 |
| Aprendizagens significativas:<br>reflexões sobre seu fazer ..... | 48 |
| Violências invisíveis .....                                      | 50 |
| O esgotamento da escola moderna .....                            | 52 |
| Novas conexões: educação para o futuro .....                     | 53 |

**Terça-feira, 21/10**

## **Educação: mutações e práxis**

**\* Romualdo Portela de Oliveira**

O trabalho fará uma breve síntese acerca do Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005/2014, recém-aprovado pelo Congresso Nacional, enfatizando os desafios para o próximo período, particularmente os referentes ao cumprimento da meta de ampliação do gasto em educação, visando a atingir os 10% do Produto Interno Bruto (PIB), e as disputas em torno da destinação destes recursos adicionais entre instituições públicas e privadas.

**\* Romualdo Portela de Oliveira**, mestre, doutor e livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular no Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação da USP (Feusp). Atua na área de política educacional, particularmente avaliação, financiamento e direito à educação

## ANOTAÇÕES

# **Educação: impasses e desafios**

## **O gerenciamento da sala de aula na superação de conflitos**

**\* Serrano Freire**

A sala de aula, espaço por excelência de interação e humanização, a par da gratificação pelo estar junto, pelo crescer junto necessita definir a direção, antes que nos imponha a velocidade. É a escola que vai possibilitar a inserção da tecnologia sem esquecer o ser essencial, instrumentalizando um cidadão criativo, pleno e apto a novas conquistas. Os novos caminhos, ampliados por uma gama de opções, estão abertos para quem saiba conjugar visão, ação e emoção.

A construção de uma aula de sucesso, que alcance seus objetivos de despertar o interesse do aluno e torná-lo mais receptivo ao processo de aprendizagem está ligada a uma série de atitudes por parte de cada um de nós, professores, muito antes de entrarmos em sala de aula.

A identificação do verdadeiro sonho e ideal profissional, e a disposição para flexibilizar e buscar mudanças, em regra geral, acabam determinando, também, mudanças em sala de aula. E são as mudanças, as novas percepções do outro, que nos fazem crescer.

As suposições ou pressuposições que temos da sala de aula respondem, muitas vezes, pelos resultados pouco satisfatórios dos alunos. Estimular e acelerar a aprendizagem, desenvolver a concentração e interesse implicam em mudança de comportamento e, principalmente, de percepção do mundo. E isto pode começar agora. A aprendizagem não deve ser privilégio de alguns, mas estar ao alcance de todos. Elevar a aprendizagem, aumentar o nível de concentração, criar maior envolvimento do aluno e prazer de estar em sala de aula são conquistas que podem ser simples, conseguidas com um bom gerenciamento da sala de aula, pequenas mudanças no dia a dia do professor.

**\* Serrano Freire**, professor, palestrante internacional, escritor e consultor educacional

# Jogos cooperativos e a pedagogia da cooperação na escola

\* Fábio Otuzi Brotto

A pedagogia da cooperação e os jogos cooperativos compõem uma abordagem colaborativa desenhada para criar ambientes de cooperação em escolas, empresas, governos, comunidades, Ongs, famílias e nas relações sociais. Este design colaborativo pode nos ajudar a solucionar problemas, transformar conflitos, alcançar metas e a realizar objetivos de uma maneira eficiente, sustentável e agradável para todos sem exceção.

Por meio da pedagogia da cooperação temos a oportunidade de conhecer, experimentar e aperfeiçoar a aplicação consciente e articulada de um conjunto de metodologias colaborativas bastante atuais e que promovem o desenvolvimento de aspectos cognitivos e não cognitivos em processos coeducativos, dentro e além da escola.

Quando falamos em pedagogia da cooperação estamos imaginando um caminho de ensinagem compartilhada, no qual cada pessoa é considerada um mestre/aprendiz, convivendo a descoberta de si mesma e de sua comum-unidade com os outros.

É uma pedagogia viva, acontecendo em diferentes momentos e em muitos movimentos (fig. 1) transdisciplinares, tendo como propósito essencial colaborar para que cada pessoa possa VenSer (Artur da Távola) cada vez mais inteira e verdadeiramente quem É.

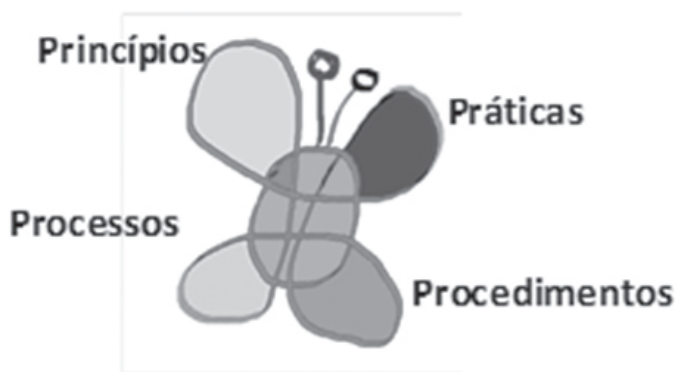


Figura 1 - Pedagogia da Cooperação

Mais do que um conjunto de atividades e soluções, a pedagogia da cooperação, com ênfase nos jogos cooperativos, é um jeito de criar ambientes de coaprendizagem no qual "ninguém sabe tudo, cada um sabe alguma coisa e todo o saber está na comunidade" (Pierre Lévy).

É um jeito de praticar o respeito e valorização uns dos outros, como legítimos outros (Humberto Maturana), como se fôssemos jogadores de um mesmo e único time chamado humanidade, onde podemos realizar mais jogadas solidárias e menos solitárias; praticar mais lances de cumplicidade, em vez de relances de egoísmo e separatividade.

Neste jogo cooperativo da convivência cotidiana não há seleção dos melhores e cada um e todo mundo é essencial para o jogo do momento. Não há primeiro nem último lugar, há um lugar como-um. Não há vencedores nem perdedores, todos jogam juntos. Não há adversários, somos todos parceiros de uma mesma jornada. Não há troféus nem medalhas, já ganhamos tudo o que precisávamos ganhar.

Portanto, uma das principais contribuições da pedagogia da cooperação e dos jogos cooperativos é fortalecer o sentido de comunidade de aprendizagem colaborativa nas escolas, tendo como desafio maior a criação de ambientes de convivência e ensinagem (Neyde Marques) onde todos podem jogar-aprender uns COM os outros para VenSer quem se É e assim, juntos, poder SerVir a partir do melhor de cada um para ajudar a realizar o melhor mundo como-um!

QUERENDO JUNTOS, PODEMOS TUDO!

\* **Fábio Otuzi Brotto**, mestre em Ciências do Esporte,  
Jogos Corporativos - Educação Física e Pedagogia do Esporte  
(Unicamp), cofundador do Projeto Cooperação e autor do livro "  
Jogos Cooperativos: se o importante é competir,  
o fundamental é cooperar

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



# **Professor como sujeito de transformação: identidade e trajetória**

**\* Celso dos Santos Vasconcellos**

O professor anda perplexo com tudo aquilo que vem acontecendo com ele, com a escola e com a sociedade. Há uma profunda mutação na relação escola/sociedade e parece que ainda não a compreendemos suficientemente.

Vivemos um momento em que, talvez como nunca, a cobrança esteja em cima de resultados. E os controles ficaram muito mais rápidos e sofisticados com os poderosos computadores a serviço de uma racionalidade instrumental. Se formos nos pautar por "resultados", talvez desistamos, pois, sem negar os avanços parciais, estamos, em termos de escala global, muito longe ainda de um mundo mais justo, mais humano. É isto que nos esfregam na cara, tentando nos vender a ideia de que devemos desistir de sonhar com um mundo melhor. O que o sistema quer com isto é justamente fazer com que nos "integremos", nos conformemos e busquemos a felicidade não nesta busca maior, mas nos milhares de produtos de última geração que pode nos "oferecer".

É preciso definir o papel do professor na conturbada contemporaneidade, enfrentando a delicada e urgente questão da função social da escola, e abordar temas como o poder do professor, formação, postura e ética docente, processo de mudança da práxis educativa, dialética entre condições objetivas e subjetivas.

A escola permite uma série de experiências da maior relevância para as novas gerações: a alegria do encontro, a convivência, a socialização, o acesso privilegiado à cultura, o prazer de conhecer, o desenvolvimento de formas específicas de perceber, sentir, raciocinar, valorar. É este enorme e, em certo grau, quase que insondável desafio que faz do magistério uma atividade essencialmente humana. Na medida em que ajuda o discente a ter acesso à cultura, refletir, imaginar, criar, atribuir valor, criticar, desenvolver a consciência, o professor trabalha com a produção de sentido, tendo, portanto, um papel decisivo na tarefa de humanização.

Entendemos que, mais do que nunca, é o momento do resgate do professor como sujeito histórico de transformação, se comprometendo com a efetiva aprendizagem e desenvolvimento humano de todos os seus alunos, assumindo uma postura ativa e interativa quanto à sua prática e à alteração das condições de seu trabalho, articulando um projeto político-pedagógico de caráter libertador.

**\* Celso dos Santos Vasconcellos**, doutor em Educação (USP), mestre em História e Filosofia da Educação (PUC/SP), professor, pedagogo, filósofo, pesquisador e responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica

# ***Drogas e gravidez na adolescência numa abordagem educacional***

## ***Sexualidade e drogas: fatores de risco e desafios na prevenção***

**\* Ana Cristina Canosa**

Há evidências científicas na associação entre o uso de álcool, tabaco e de outras drogas durante a pré-adolescência e adolescência e o exercício da sexualidade com comportamentos de risco. Considerando a adolescência uma fase de grandes conflitos internos e adaptações físicas, psicológicas e socioculturais, o uso de álcool e drogas é, muitas vezes, um artifício no enfrentamento de medos, ansiedades e desafios ligados à autoimagem, à aceitação pelo grupo e à iniciação sexual.

Característica dessa fase da vida, a busca pela novidade e por fortes e intensas emoções somadas à sensação de onipotência juvenil, a utilização abusiva de drogas sintéticas, álcool e medicamentos para ereção se torna uma fórmula bastante perigosa. Embora os jovens sejam a população que mais retira preservativos no Sistema Único de Saúde (SUS), também é a faixa etária na qual há aumento da incidência de Aids no Brasil. O problema parece não estar somente na falta de orientação sobre sexualidade e DSTs e acesso aos preservativos que alguns jovens podem sofrer, mas na dificuldade de fazer uso contínuo do método de prevenção.

O consumo de drogas em ambientes recreativos aumenta a incidência de sexo livre e despreocupado, já que se combinam fatores como o relaxamento, a desinibição, a euforia e também o rebaixamento da consciência, do discernimento e julgamento para atitudes preventivas, além de tornar a pessoa vulnerável a situações de agressão e violência.

A não utilização de qualquer tipo de preservativo nas relações sexuais pode levar não só à contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, mas também à gravidez inoportuna. Baixa escolaridade e a falta de supervisão de adultos agravam o quadro, tornando a população jovem bastante suscetível. Entendendo que a sexualidade é uma dimensão importante da vida e que o sexo genital é uma de suas expressões, se faz indispensável discutir amplamente o assunto.

Acredita-se que a promoção da prevenção do uso de álcool e de outras drogas deve também ser associada ao processo de orientação sexual na perspectiva da responsabilidade e do prazer.

**\* Ana Cristina Canosa**, psicóloga, educadora de sexual e terapiaapeuta e educadora sexual, autora dos livros "Crescendo na sexualidade" e "Madrasta: do conto de fadas para a vida real"

# O uso das interfaces midiáticas na sala de aula

\* **Telma Brito Rocha**

Na era digital a linguagem ganha novas interações proporcionadas pelo movimento das tecnologias eletrônicas. Novas formas de conhecer são estruturadas, o ordenamento linear dos textos escritos vai convivendo com os hipertextos, a interconexão. O que percebemos é uma potencialização das diferentes interfaces midiáticas que se multiplicam, mixando-se os elementos do digital e possibilitando novas formas de expressões, novas formas de interações. O que não significa dizer que uma cultura anterior desapareça em função de uma nova técnica.

A oralidade ganha novos significados e uma força muito grande na sociedade digital, os sons, sobretudo da televisão, das músicas, dos jingles memorizados formam nossos discursos e estruturam nossa cultura. Hoje o próprio professor pode perceber como as tecnologias estão alterando o "modo pedagógico" com que escola vinha operando.

O acesso de alunos às informações, a internet, os jogos eletrônicos, a interatividade, têm mudado significativamente o comportamento de crianças e adolescentes. Temos constantemente convivido com o novo, o inusitado, o inesperado trazido pelos alunos para o ambiente escolar. Uma geração que tem dialogado com diferentes espaços de aprendizagem, enquanto a escola muitas vezes continua centrada numa dinâmica verticalizada, onde o paradigma de transmissão do professor continua pautando as práticas educativas.

Diante desse contexto, o professor precisa se apropriar das discussões que permeia o cenário contemporâneo de nossa sociedade para que possam refletir, agir e transformar suas práticas pedagógicas.

Conhecer os elementos da nova cultura digital, que estão imersos no modo de vida dos seus alunos, como a interatividade e a hipertextualidade – que têm gerado novas formas de se relacionar com o conhecimento, novas racionalidades, novos modos de pensar e de agir – é uma tarefa imprescindível ao educador, para que ele possa pensar a escola numa outra lógica que não seja apenas baseada nas velhas práticas de silenciamento e de omissão das questões que a sociedade atual passa.

\* **Telma Brito Rocha**, pedagoga, doutora em Educação (UFBA), professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)

# ***Tecnologia para tornar o pensamento e as práticas visíveis***

**\* César A. A. Nunes**

Ferramentas tecnológicas podem ser usadas para que os alunos façam novas criações: vídeos, desenhos, textos, entre outros. O desenvolvimento de competências é potencialmente maximizado quando as produções acontecem dentro de contextos significativos: impacto social, preocupação com qualidade, motivação intrínseca...

Um observador externo, e muitas vezes também o professor, não tem ideia de como é a dinâmica para se chegar ao produto final: quem dá ideias, quem de fato põe a mão na massa, quem refina e deixa bonito, quem se preocupa com a impressão causada no público-alvo, quem é perseverante, metódico, colaborativo etc. Aqui entra o segundo e talvez mais importante papel da tecnologia: registrar processos. Tudo que é criado no mundo digital está naturalmente registrado. Cada nova versão de um produto pode ser salva, o autor da transformação identificado, a data etc. Se guardarmos todas as informações teremos o problema inverso: informações demais.

Neste evento daremos ênfase ao uso pedagógico dos registros: o que registrar, quem faz, com que ferramentas, quando e como os registros são usados para evidenciar e ajudar no desenvolvimento da colaboração, criatividade, autonomia e pensamento crítico.

O papel do professor ao incentivar, organizar e usar os registros digitais é extremamente ampliado. Aparecem inúmeras oportunidades para conhecer melhor os alunos, para instigar, para fazer boas perguntas, para orientar, enfim, para ser "mais" professor.

Da mesma maneira que os registros das atividades dos alunos acontecem no mundo digital, as intervenções do professor ao usar a tecnologia também são registradas de maneira natural. Chamamos de práticas visíveis esse conjunto de atividades de alunos e intervenções dos professores registradas por meios digitais. Essas práticas, quando objetos de estudo, análise, reflexão e colaboração para disseminação e avanço, permitem estabelecer "mutações na práxis".

As boas práticas refletem mudanças necessárias para os dias de hoje. Porém, mais que isso, as boas práticas que temos visto emergir e que serão apresentadas durante a palestra ajudam a formar alunos com o potencial de construir uma sociedade mais crítica, justa e democrática.

**\* César A. A. Nunes**, doutor em educação pela Universidade Estadual de Campinas e livre-docente. Professor titular da Faculdade de Educação na área de Filosofia e Educação, autor de livros e artigos

# **Avaliação: necessidades e resistências**

**\* Ocimar Munhoz Alavarse**

A avaliação escolar tem sido associada à produção de juízos, por meio de notas ou de conceitos utilizados para decidir, ao final de um período letivo, sobre a progressão de cada aluno, para verificar quem "passará de ano" ou quem "será reprovado", enfatizando a avaliação realizada ao final do processo pedagógico, focando, quase que exclusivamente, no desempenho dos alunos.

Questionamentos consideraram que essas práticas avaliativas correspondiam a um padrão de escola organizada, centralmente, para escolher ou identificar os "melhores" alunos e se passou a ponderar que a avaliação, também, deveria incidir em programas e procedimentos de ensino, visando a um processo escolar voltado para a inclusão e o sucesso de todos, não sem resistências, inclusive de profissionais da educação.

Considerando sua dimensão pedagógica, ganhou destaque a necessidade de que a avaliação fosse tomada como um processo a serviço da aprendizagem e, nesse sentido, os juízos avaliativos deveriam ser considerados como pontos de apoio para intervenções mais ajustadas, no limite, a cada aluno.

Com efeito, a avaliação deveria ser desdobrada em três momentos do desenvolvimento curricular. O primeiro, antes do início do ano letivo ou de um novo tópico, com função diagnóstica, permitindo aos professores refletir sobre a programação das atividades, inclusive para trabalhar com as diferenças entre os alunos, em cada turma e na escola como um todo.

Outro momento seria durante o desenvolvimento curricular, com função formativa, de onde deriva, aliás, a denominação avaliação formativa, que favoreceria a revisão das estratégias de ensino e eventuais ajustes nas atividades, servindo, igualmente, para que os alunos tomassem consciência de seus progressos e dificuldades, no transcorrer do período letivo.

No final do período letivo, com função somativa, a avaliação facultaria julgar o aprendizado, ou seja, o ganho de cada aluno, turma e da escola, supondo-se que tenham sido estabelecidos os patamares no início do processo e, sobretudo, a avaliação de programas e de atividades a serem (re) pensados para o prosseguimento do processo de aprendizagem, adicionalmente com interfaces e diálogos com as avaliações externas.

*\* **Ocimar Munhoz Alavarse**, doutor em Educação, professor da Faculdade de Educação da USP, onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional (Gepave)*

# **Formação necessária ao quadro de apoio e a sua valorização**

## **Profissionalização dos funcionários da educação**

**\* Heleno Araújo Filho**

A organização unificada dos trabalhadores em educação do Brasil teve início no ano de 1989, quando, em congresso da categoria, foi deliberado pela unificação das entidades sindicais e associações representativas dos trabalhadores em educação, consolidando no ano seguinte (1990) a mudança de denominação da Confederação dos Professores do Brasil para Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

Ainda não consolidamos a unificação das entidades sindicais em todos os Estados do país, mas unificamos as mobilizações e as lutas pela valorização dos trabalhadores em educação, na busca constante de alcançar a profissionalização de todos que atuam na educação básica. E esta profissionalização será concretizada pelo reconhecimento na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), por meio de políticas educacionais que promovam a formação inicial nos cursos técnicos pós-médio, na ampliação do programa de formação continuada para os funcionários da educação (PROFUN-CIONÁRIO), com oferta destes cursos em nível superior. Pela regulamentação do inciso VIII, do artigo 206 da Constituição Federal, que determina a criação do piso salarial nacional para os profissionais da educação. Por meio da aplicação das metas 17 e 18 do novo Plano Nacional de Educação, que tratam da remuneração e da carreira dos profissionais de educação, respectivamente.

A CNTE apresentará uma proposta para servir de referência para os Estados e Municípios sobre a equiparação da média salarial dos profissionais de educação com a dos demais profissionais com a mesma formação, reafirmando que piso e carreira andam juntos e, neste sentido, vamos continuar lutando para a elaboração de plano de cargos e carreiras unificados, por condições adequadas de trabalho e pela gestão democrática em todas as escolas públicas do país.

*\* **Heleno Araújo Filho**, presidente do Sintepe e secretário de Assuntos Educacionais da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)*

# **Relações interpessoais: verbais e não verbais**

## **Bullying e outros fenômenos no cotidiano escolar**

**\* Cléo Fante**

O bullying vem se tornando tema de discussão em diversos ambientes sociais. Porém, é entre pares, no ambiente escolar, que este fenômeno mundial pode ser facilmente reconhecido.

Na prática, ocorre quando um ou vários estudantes persegue outro(s), em desvantagem de força ou poder, de forma repetitiva, intencional e gratuita, imputando-lhe dor e sofrimento.

Os autores de bullying elegem, preferencialmente, colegas que apresentam certa fragilidade ou diferenças que os tornam evidentes no grupo. Geralmente, seus ataques são verbais, físicos ou psicológicos. As vítimas são expostas a situações recorrentes de humilhação, constrangimento, chantagem, intimidação, podendo ocorrer no ambiente físico escolar ou fora dele ou, ainda, no ambiente virtual.

Independente do espaço onde o bullying é praticado - físico ou virtual -, seus efeitos podem ser percebidos a curto, médio e longo prazo. Sem dúvida, as vítimas são mais prejudicadas, especialmente quando intimidadas de forma contínua e severa na infância, podendo seus efeitos ser irreversíveis ao psiquismo. Dependendo da gravidade e tempo de exposição, podem apresentar ansiedade, medo, fobias. É comum reclamações de dores de cabeça e de estômago, febre, vômitos, diarreia, especialmente no momento de irem à escola. Transtornos compulsivos, depressivos, pensamentos suicidas, cometimento de suicídio, dentre outros, também têm sido relatados em estudos sobre o assunto. Quando não há intervenções efetivas e acompanhamentos sistemáticos, as sequelas podem ser percebidas além do período acadêmico, podendo, quando adultos, apresentar dificuldades relacionais, afetivas, laborais, transtornos emocionais, baixa autoestima, insegurança e isolamento social.

Quanto aos autores, podem apresentar problemas de adaptação e de interação social, comportamentos inadequados e/ou violentos, envolvimento em delinquência e criminalidade, problemas emocionais, dentre outros.



Reconhecer que o bullying é uma violação de direitos é fundamental. Reconhecer sua prevalência nas escolas é emergencial.

Bullying, um fenômeno que tem preocupado estudantes, famílias e instituições escolares, que esperam das autoridades comprometimento, políticas públicas e investimentos em sua contenção e prevenção.

*\* Cléo Fante, doutora em Educação, especialista em bullying; presidente do Centro de Estudos do Bullying, Escolar, em Brasília (DF); autora do livro "Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz"*

## **Verbal/não verbal: o equilíbrio na comunicação**

**\* José Carlos Martins da Silva**

Todo processo de comunicação para obter eficácia e eficiência necessita de clareza, objetividade em que os valores, as normas e as expectativas sociais levam os indivíduos a estabelecerem vínculos mais fortes.

O emissor dos conteúdos a serem comunicados tem sobre si a responsabilidade de tornar seu discurso acessível ao receptor. Este, por sua vez, recebendo a mensagem procura decodificá-la no mesmo nível de compreensão dada pelo emissor. Aí está o equilíbrio de uma comunicação eficaz. Fácil? Com certeza o conteúdo textual acima descrito no permite verificar a facilidade do processo comunicativo se lido somente com os elementos apresentados. Difícil, quando nos colocamos nas relações interpessoais e vamos formando, internamente, nossos "modos" comunicativos.

Esse processo, pessoal, é contínuo e se inicia na família, depois assumido pela escola, pelos grupos de referência e pelas diferentes formas de treinamento e ajuste que o indivíduo se submete no decorrer de sua existência e que caracterizam seu modo de viver. Há uma crença de que basta falar para se comunicar.

A capacidade de influência advinda somente pelas palavras é a que tem menor potencial. Ser um "informador" ou "falador" não garante o êxito na comunicação. As palavras estão no discurso, entretanto, o significado não é assimilado ou sequer ouvido.

A comunicação é resultado de crenças, valores, sentimentos, desejos, história de vida que se associam às palavras, dando configuração ao discurso. Quanto mais a comunicação é verdadeira mais as relações interpessoais se tornam fortes e produtivas. Posto isto, podemos avançar mais um pouco no processo de comunicação, salientando dois elementos que o compõe:



**1. VERBAL:** aqui entendido como o conteúdo que será comunicado. É no aspecto verbal que iremos encontrar os objetivos da informação a ser transmitidos. Ter claro aonde se pretende chegar e os meios que facilitam este processo fazem com que a verbalização seja aprendida e devolvida com relevância. Quantos de nós já experimentamos, em aulas, palestras, congressos, momentos em que o conteúdo comunicado se perdeu pela falta de clareza e objetividade. Nosso sistema nervoso nos auxilia em muito nestas ocasiões: imediatamente há um processo que "nos desliga" desta condição e nos leva para outros "lugares" não pertencentes ao momento. Portanto, toda informação necessita de um cuidado especial para que não perca seu sentido.

**2. NÃO VERBAL:** aqui entendido como os "apetrechos", que caminham de forma consciente ou inconsciente juntos com a informação a ser comunicada. O não verbal está diretamente relacionado com aspectos emocionais, sentimentos, experiências, posição existencial, perspectivas profissionais. Tom de voz, manejo das mãos, pernas, cabeça, postura corporal dão ao conteúdo da comunicação a relevância social fazendo-se eloquente e autêntico. Ele se une à razão dando "brilho" e "calor" para o discurso apresentado. Há uma estreita relação entre "o que penso, o que sinto me torna responsáveis por meus atos". Não há discordância e o discurso atinge de forma direta o receptor.

O equilíbrio entre estas duas modalidades revela o reconhecimento de si e do outro como participantes de um mundo organizado e produtivo. Possibilitam a construção de uma sociedade mais justa e humanizadora, fortalecendo os vínculos afetivos.

*\* **José Carlos Martins da Silva**, historiador, pedagogo, psicólogo clínico, professor e especialista em Gestalt Terapia, Análise Transacional e Análise do Discurso*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# Educação infantil: educando para a vida

**\* Maria Carmen Silveira Barbosa**

Este ensaio tem como finalidade provocar a reflexão sobre qual o papel da educação infantil nas sociedades contemporâneas. Pensar a escola infantil como instituição que tem como objetivo acolher as crianças pequenas (Staccioli), sendo um espaço de hospitalidade (Derrida).

Este lugar é aquele que propicia que cada um, menino ou menina, possa estabelecer seus inícios no mundo (Arendt) e construir individualmente ou coletivamente sua narrativa de vida.

*\* Maria Carmen Silveira Barbosa, pedagoga, especialista em Alfabetização em classes populares e em Problemas de Desenvolvimento Infantil, mestre em Planejamento em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutorado pela Universitat de Vic, da Catalunya (Espanha)*

**\* Maristela Angotti**

A apresentação versará sobre as relações existentes entre a nossa atual estrutura legal e as práticas pedagógicas realizadas na educação infantil como forma de entender e pretensamente transgredir positivamente nas propostas de atendimento educacional à primeira infância. Acredito que parte das conquistas deva ser decorrente das relações de colaboração e cooperação a serem estabelecidas entre a escola e as famílias das crianças pertencentes à educação infantil.

Importante pensar estas relações, uma vez que estes atores são hoje corresponsáveis pela educação e precisam estabelecer um diálogo consequente, no sentido entender quem é o sujeito criança, como melhor prover seu desenvolvimento pelas vias das práticas pedagógicas intencionais e, por decorrência, de projetar que sociedade queremos para o futuro próximo que se avizinha. Neste sentido, é necessário pensar a educação infantil que enxerga o potencial humano possível de ser desenvolvido e que tenha por finalidade preparar para a vida, para as realizações, para as transformações que respeitem o ser humano, buscando as individualidades no coletivo social, histórico e cultural, promovendo um diálogo e pacto na e sobre a sociedade.

Busca-se neste momento, uma reflexão sobre o estado atual da produção de conhecimento sobre o desenvolvimento infantil; as práticas pedagógicas mais profícuas para prover o melhor da essencialidade humana em nossas crianças, reconhecendo seu corpo, suas linguagens, suas expressões e realizações no processo de construção de suas identidades singulares e coletivas em uma sociedade mais humanizada e feliz.

**\* Maristela Angotti**, pedagoga, pós-doutorado em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, pesquisadora do grupo contextos Integrados em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), integra a Rede de Pesquisadores da Qualidade em Educação Infantil, autora e coautora de vários livros sobre educação infantil

ANOTAÇÕES

# **Qualidade de vida em qualquer idade**

## **Educar desde cedo para uma vida saudável**

**\* Solange Cavalcante da Silva Redolfi**

Primeiramente, devemos refletir sobre "qualidade de vida", pois existem diferentes entendimentos a esse respeito. Muito se fala sobre o tema e muitas vezes não se tem a compreensão que envolve, numa perspectiva multidimensional, várias áreas: saúde, lazer, alimentação, gastronomia, esportes, educação, meio ambiente, segurança alimentar e nutricional, dentre outros.

A Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) deve estar inserida em todas as etapas da vida, com uma abordagem transversal, respeitando-se as particularidades, os significados, as tradições culturais e os hábitos alimentares das pessoas.

As diferentes políticas públicas têm em seu escopo a perspectiva de garantir os direitos humanos e sociais. A alimentação é reconhecida com um direito social constitucional (art. 6º CF/88) e da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, que define a SAN como a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente aos alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso às outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis.

As mudanças no modo de vida do brasileiro, do rural para o urbano, influenciaram também os hábitos alimentares, apresentando conquistas e perdas da qualidade de vida: aumento da oferta de produtos alimentícios de diversas origens, culturas e épocas, aumento do consumo de produtos industrializados, alimentação fora do lar, redução da prática do preparo e consumo do alimento como momento coletivo e agregador das famílias, dentre outros.

Podemos colaborar nesse processo questionando o modelo predominante e desenvolvendo ações educativas inovadoras, participativas e transformadoras, seja de caráter formal e/ou não formal. Essas práticas possibilitariam vivenciar alternativas alimentares saudáveis e o bem-estar delas decorrente, como incentivo ao consumo consciente e sustentável, tendo como desafio "educar desde cedo para uma vida saudável".

**\* Solange Cavalcante da Silva Redolfi**, pedagoga e nutricionista. Atua na área de Educação Ambiental e Segurança Alimentar Sustentável, na Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo

# **Hábitos de qualidade de vida e adaptações do ambiente de trabalho para promoção da saúde dos docentes**

**\* Tainara Druzian Peinado**

Atualmente, há uma incidência significativa de distúrbios físicos ou mentais em professores.

A doença osteomioarticular relacionada ao trabalho é um tipo de distúrbio físico, consequente de atividades laborais que acometem músculos, articulações, ossos ou nervos, sendo relacionadas a diversos fatores.

Quanto aos distúrbios mentais, o índice de afastamento de docentes é considerável, pois os professores exercem funções que demandam de suas condições físicas e psicológicas, além da longa jornada de trabalho e má remuneração.

Para desenvolver um trabalho de sucesso e prevenir diversas doenças, é necessário praticar hábitos de vida saudável e adequar o ambiente de trabalho de forma ergonômica.

A realização de hábitos saudáveis inclui prática de alongamentos e exercícios físicos, qualidade do sono, alimentação adequada, adaptação do posto de trabalho, posicionamento corporal correto e reeducação postural global.

Quanto a um ambiente de trabalho ergonômico, é importante considerar diversos fatores, como posicionamento da mobília em relação ao posicionamento do corpo, iluminação, acústica, ventilação, entre outros.

O objetivo da palestra é elucidar o índice e tipos de lesões em docentes do país e os principais aspectos de prevenção e cuidados, ou seja, como promover bem-estar aos professores da população de São Paulo, com finalidade de aumentar a produtividade do trabalho e promover qualidade de vida em indivíduos de diferentes idades.

Os principais aspectos de prevenção e cuidados de doenças relacionadas ao trabalho incluem realização de alongamentos globais antes, durante e depois da jornada de trabalho, prática de exercícios físicos que promovem bem-estar, fortalecimento muscular e condicionamento físico que previnem lesões e melhoram o desempenho de diversos sistemas do organismo, orientações e simulação de um ambiente de docente ergonômico e orientações de saúde em geral.

*\* **Tainara Druzian Peinado**, fisioterapeuta, especialista em Ortopedia e Traumatologia, formação complementar em RPG, terapias manuais e técnicas posturais. Publicou artigos científicos publicados sobre reabilitação de membros superiores*

# ***Produção de texto: resgatando a colaboração dos grandes mestres***

## ***Resignificando pedaços para produção de textos e ilustrações***

**\* Hermes Bernardi Jr.**

O processo criativo se constitui de uma poética, o conjunto de ações que um artista desenvolve e que caracteriza seu modo de criar.

Para esta fala, irei recorrer dos pedaços de memórias e situações ouvidas e vividas para falar de seu processo criativo, tanto de palavras como ilustrações para livros infantis.

Aliado a isto, vou discorrer sobre a autopoiesis, teoria defendida pelos filósofos chilenos Augusto Varela e Humberto Maturana, e de como o artista se alinha a esta teoria para a reflexão do seu processo criativo individual.

*\* **Hermes Bernardi Jr.**, escritor, ilustrador de literatura infantil, contador de histórias e coordenador regional da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil e diretor do grupo de teatro Hora Vaga, de Garibaldi (RS)*

## ***Voar com os mestres***

**\* Marcelo Xavier**

Todo caminho pressupõe sinalização, direção. Ou caminha-se às cegas.

Desde a alfabetização, quando nos capacitamos para a leitura, o universo de textos se abre à nossa frente com seus mundos, estrelas, meteoros, galáxias do conhecimento - ciência, religião, filosofia e arte. Explorar esse universo implica em decisão pessoal e intransferível. Mas, por onde começar? Melhor que seja pela arte da literatura. O livro simboliza a nave. O autor, seu comandante. Embarque e deixe-se levar. De preferência, vá com os mestres - garantia de boa viagem e preciosa bagagem no retorno.

Meu primeiro voo aconteceu com o comandante Mark Twain. Pura sorte. "As aventuras de Tom Sawyer", verdadeira delícia. Era garoto e me identifiquei facilmente com o personagem.

Na adolescência, um amigo me emprestou sua coleção de naves. Partiam, uma a uma, me levando e me devolvendo extasiado - mistério e suspense no mundo do detetive Sherlock Holmes. No comando: Agatha Christie.

\* **Marcelo Xavier**, escritor, artista plástico, cenógrafo, figurinista e escritor de literatura infantil, tendo recebido os principais prêmios nacionais da categoria - Prêmio Jabuti, Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Associação dos Escritores Brasileiros. Publicou para adultos: "Caderno de desenhos", "Tempo todo" (poesias) e "A cara da rua" (crônicas).

23

# ***A potência autoral da alegria de ensinar e aprender na educação infantil***

**\* Max G. Haetinger**

A área classificada como escola de educação infantil tem ocupado espaço nos temas relevantes da educação e na fala de professores, pais e especialistas, ocupando grande espaço na produção escrita e falada da educação. Por que hoje nos preocupamos tanto com esta fase do desenvolvimento humano? Antes ela não era importante? Claro que educar crianças pequenas sempre foi fundamental, mas antes isso não era papel da escola. No passado chegávamos aos 5 ou 6 anos nos ambientes escolares, hoje os pequenos chegam aos 5 ou 6 meses de vida!

Uma educação de qualidade na infância potencializa o desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo do indivíduo, e impacta diretamente no crescimento intelectual e comportamental, na aquisição da linguagem, no domínio de signos e símbolos, nas habilidades motoras, na sociabilidade, no trabalho cooperativo ou em rede. Uma escola infantil de qualidade e integrada ao seu tempo deve fazer a diferença na vida de nossos educandos. Mas qual seria o norte dessa escola infantil? Quando falo sobre isto, gosto de lembrar das palavras de Leonardo Boff, que nos ajuda a definir o papel da educação infantil na escola e em casa:

“Saber cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” (Boff, 1999).

A escola infantil e o educador da infância devem propor espaços de expressão e criação para oferecer à criança um desenvolvimento integral de sua personalidade, pois a autonomia e a iniciativa na infância devem passar por um espaço que potencialize a autoria por uma pedagogia que valorize um espaço de amor, criatividade, segurança e liberdade.

Beijos e paz!



\* **Max G. Haetinger**, doutorando em Educação e Psicologia na Universidade do Porto (Portugal), mestre em Educação, especialista em Criatividade e em Tecnologias Aplicadas na Educação, psicopedagogo e autor de vários livros

**25º Congresso do SINPEEM – 2014**

# Prática de ensino: criatividade em sala de aula

\* **Shauan Lopes Bencks de Souza**

Trataremos nesta palestra, de maneira lúdica, interativa e com histórias e músicas, da questão da criatividade em sala de aula. Não apenas indicando possibilidades de ações diferentes para o dia a dia dos educadores, mas trazendo à tona a importante questão de que a grande maioria de nós não teve, em nossa formação, grandes estímulos à criação, estímulos que hoje consideramos importantes para os nossos educandos. Trataremos da necessidade de reflexão sobre esta difícil questão de o educador ser convocado a atuar sem modelo prévio e de ser, permanentemente, convidado a consumir pacotes de novos e modernos conteúdos do mercado do saber, que visam a dinamizar seu trabalho, mas que não foram gerados por ele, mas sim por outro especialista. Situação que pode levar este educador a se angustiar e a não colocar em prática estas novas propostas de trabalho.

Em um segundo momento, conheceremos uma história, cujo roteiro mostrará uma situação hipotética de uma descoberta conjunta entre educador e educando. Esta história culminará na possibilidade de um caminho muito interessante e inovador, da relação horizontal, da parceria, do grupo. Pois já que os educandos estão descobrindo o mundo, e os educadores, pela falta de modelo prévio, a escassez de estímulos em sua formação, também o estão, um bom caminho talvez seja descobrir tudo em conjunto. O que, certamente, será profundamente emancipador para ambos. Mas como fazer isso?

Sem a intenção de esgotar o assunto, traremos uma proposta, cujo alicerce está na necessidade de pensarmos na realidade de que todos nós somos seres multidimensionais e que precisamos ser pensados e tratados de maneira menos fragmentária em qualquer situação. Considerando este alicerce bastante sedimentado em nosso posicionamento, muitas questões poderão se esclarecer ou ao menos se tornarão mais leves e tranquilas de serem pensadas, descobertas ou até esquecidas em prol de outras realmente impactantes e importantes.

Por fim contarei um pouco da minha história como educador musical, como a música me faz refletir acerca das relações humanas. E, claro, alguns roteiros de brincadeiras e canções também serão apresentadas, pois sou defensor e entusiasta da brincadeira no aprendizado e dos pequenos roteiros, disparadores. E por que não dizer criadores?

\* **Shauan Lopes Bencks de Souza**, músico, compositor, produtor cultural e gestor de cultura na Internet

# A arte cinematográfica na educação

**\* Sérgio Rizzo**

O audiovisual tem a capacidade de estabelecer conexões com outras áreas do conhecimento e com a experiência de mundo. Não por acaso, desperta o interesse de educadores desde a primeira metade do século 20. Sua presença no ambiente escolar exige, no entanto, que o professor desenvolva familiaridade com sua linguagem, com seus mecanismos de representação e com suas práticas sociais.

Essa qualificação envolve, em primeiro lugar, autoconhecimento. Logo, antes de identificar o espaço ocupado pelo audiovisual no mundo contemporâneo, é preciso refletir sobre o lugar do audiovisual na vida de cada um de nós, educadores e alunos.

Essas coordenadas possibilitam organizar as diversas estratégias disponíveis para aproximá-lo da educação.

*\* **Sérgio Rizzo**, jornalista, mestre em Artes/Cinema; professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Fundação Álvares Penteado (Faap), da Academia Internacional de Cinema e da Casa do Saber; e colunista do portal Yahoo! e das revistas "Ideia Sustentável", "Educação", "Escola Pública", "Língua Portuguesa" e "Viração"*

## ANOTAÇÕES

# **Prevenção de doenças do trabalho**

## ***Distúrbio de voz do professor: uma doença relacionada ao trabalho docente?***

**\* Susana Pimentel Pinto Giannini**

Os distúrbios de voz têm sido uma das principais causas de afastamento do trabalho docente. A importância desses afastamentos não se restringe aos aspectos econômicos, que não são desprezíveis, mas o distanciamento da atividade pedagógica conduz o docente à sensação de insegurança e isolamento. Além do impacto vocal, há o impacto emocional, que gera estresse e coloca em risco a carreira do educador. Ao perder a voz, o professor perde a possibilidade de manter-se em sua função, perde sua identidade profissional.

Os professores constituem a categoria profissional com maior ocorrência de distúrbios vocais. No município de São Paulo, 60% dos professores referem alterações vocais e apontam fatores de ambiente e organização de trabalho como contribuintes para a ocorrência destas alterações. No Departamento de Saúde do Servidor da PMSP, os agravos mais frequentes que acometem os professores e resultam em afastamentos de funções são transtornos mentais e vocais. O mesmo acontece em relação às licenças médicas e readaptações funcionais: 97% das readaptações e 62% de licenças por distúrbios da voz são concentradas em profissões relacionadas à Educação.

Professores têm intensa demanda vocal em atividades que exigem esforço, uma vez que lidam com muitos alunos em ambientes ruidosos. As escolas apresentam construções acusticamente inapropriadas, com salas numerosas, o que propicia competição vocal e gera incômodo, causando danos vocais e psíquicos, além de atrapalhar o processo de aprendizagem dos alunos. Características pessoais, como falar muito ou gritar, e presença de alergia ou refluxo gastroesofágico, associadas às características ambientais inapropriadas da escola favorecem, mas não são causas suficientes nem necessárias para a ocorrência do distúrbio de voz. Há de se considerar os aspectos que têm origem nas formas de organização e administração do trabalho docente, ou seja, fatores referentes ao conteúdo e à divisão do trabalho e às relações interpessoais, como determinantes do adoecimento vocal do professor.

Nos últimos anos, tem se intensificado o debate sobre o distúrbio de voz ser considerado uma doença relacionada ao trabalho para fins legais e previdenciários. Discutir estratégias de atuação política e ações de proteção vocal é o objetivo dessa reflexão.

**\* Susana Pimentel Pinto Giannini**, doutora pela Faculdade de Saúde Pública (USP), especialista em voz, fonoaudióloga do Hospital do Servidor Público Municipal (HSPM) e da Derdic-PUC-SP

# **Adoecimento e sofrimento no trabalho: tecendo reflexões a partir da escola**

**\* Rodrigo Toledo**

Ao ingressar em uma organização (empresa, escola, etc.), o homem torna-se parte do jogo social vigente na instituição em que trabalha. Dejours (1996, 1999) define o jogo social como a luta pelo reconhecimento ou o desejo de reconhecimento. Neste processo o sujeito manifesta seus desejos e seus interesses pessoais que precisam ser reconhecidos pelos outros.

O prazer e o sofrimento são compreendidos como vivências subjetivas, muitas vezes, inconscientes, resultantes do confronto entre a história de vida e a realidade do trabalho. Diante disso, o prazer e o sofrimento no trabalho estão associados à própria forma como este se organiza e a caracterização pelo conteúdo da tarefa que o sujeito realiza e suas relações socioprofissionais. Estas, por sua vez, constituem o funcionamento psíquico do trabalhador, gerando sofrimento ou prazer, dependendo do quanto à tarefa é significativa para o trabalhador e se as relações com colegas e chefias são ou não de reconhecimento, cooperação, confiança e/ou solidariedade. Dejours (1999) afirma que o sofrimento é inerente ao mundo do trabalho de modo que não pode ser eliminado, e sim, transformado.

Desta forma, o sofrimento adquire sentido quando é entendido como um "trampolim" para se obter reconhecimento, satisfação e prazer no trabalho. Por este motivo, o sujeito submete seu trabalho a outros e espera, em troca, o reconhecimento. Dessa maneira o não reconhecimento, inevitavelmente, proporciona sérios prejuízos à saúde dos trabalhadores. O sofrimento é potencializado pelo estilo de vida moderno, que dá maior importância ao racional do que ao afetivo e que valoriza a competitividade constante e os padrões de qualidade e produtividade. Com isso, os trabalhadores ficam vulneráveis a doenças como estresse, depressão, alcoolismo, desequilíbrio emocional etc. (CODO, 1998). Assim, a organização e os contextos de trabalho precisam ser revistos, para que a saúde ocupacional caminhe em direção ao bem estar físico psíquico e social dos trabalhadores.

*\* Rodrigo Toledo, psicólogo, mestre em educação e doutorando em Psicologia da Educação*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

# **Professor leitor, professor escritor: caminhos para a literatura em sala de aula**

**\* Marta Leonor S. P. P. Vieira**

Por meio do projeto "Narrativa de Vida", em que alunos, docentes e membros das equipes técnicas de suas escolas escrevem sobre a própria vida, e questões como leitura, envolvimento do leitor, bons textos, boa literatura e bons escritores são discutidos e socializados com os participantes ao longo do ano. No final, as "Narrativas de Vida" foram apresentadas para os grupos.

Este projeto existe desde 2001 e já foi desenvolvido nas Emefs "João Carlos da Silva Borges", da DRE Ipiranga, e "José Dias da Silveira, Doutor", da DRE Butantã, com alunos do ensino fundamental/EJA e alunos do ensino fundamental, ciclo II. Na Diretoria Regional de Educação de Santo Amaro foi desenvolvido com coordenadores pedagógicos, como parte integrante das formações profissionais realizadas entre 2010 e 2012, pela Diretoria Técnico-Pedagógica.

**\* Marta Leonor S. P. P. Vieira**, educadora  
e contadora de histórias

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

## ***A literatura infantil no processo de alfabetização da criança***

**\* Marciano Vasques**

A literatura infantil na sala de aula, na sala de leitura, e no aconchego da criança, atuando como protagonista num processo de alfabetização poética para a leitura do mundo.

A influência e a presença da mitologia grega na literatura infantil. Os contos clássicos com seus valores, universais, que atravessam gerações, como possibilidade de riqueza intelectual, e desenvolvimento de uma personalidade questionadora e de uma cidadania, direcionadas aos mais inerentes valores humanistas.

As influências contemporâneas como fatores desestabilizadores de uma infância voltada às mais ricas interferências e referências da literatura infantil e da poesia no crescimento da criança.

3  
A necessidade da poesia no batismo primordial do mundo na infância.

A criança como um ser cultural e produtor de cultura a partir da assimilação da leitura de textos clássicos.

O professor como o leitor que se transforma na voz dos contadores de histórias.

\* **Marciano Vasques**, professor aposentado da rede municipal de ensino de São Paulo, autor de literatura infantil e juvenil

## ANOTAÇÕES

# Cultura popular e linguagem oral

## **Todo educador é um griot: educação, cultura popular e oralidade**

**\* Alexsandro do Nascimento Santos**

Educar é mais do que instruir. Educar é costurar, tecer, os fios de sentido e de pertencimento das gerações mais novas com o patrimônio, a memória e a experiência compartilhada por sua comunidade. Nesse sentido, os educadores são mediadores culturais, sujeitos encarregados de acolher e incluir, afetuosamente, os mais jovens nas práticas, saberes e na rede densa de significados que seu povo, secularmente, construiu.

Para que essa tarefa seja cumprida de maneira adequada, é imprescindível que os educadores estejam nutridos da cultura popular e comprometidos com sua transmissão e com sua dinâmica de constante ressignificação que a torna, sempre, uma força viva de sustentação dos sujeitos. Além disso, também é imprescindível que o educador se coloque como voz, como corpo que vivifica e personifica essa cultura popular.

A oralidade, entretecida em todas as práticas cotidianas de mediação da cultura popular e capaz de dar alma à palavra, nem sempre encontra, nas práticas educativas da escola, espaço e legitimidade.

Propomos, nesta comunicação, uma reflexão a respeito do papel dos educadores no compartilhamento, mediação e vivência generosa da cultura popular e das práticas de oralidade a partir da figura dos *griots*, conhecidos contadores de história na tradição africana. Todo educador, personificando a memória, a experiência e o patrimônio de saberes e práticas de sua comunidade e dando a ela voz e corpo, afeto e proximidade, é, em certa medida, um *griot*.

**\* Alexsandro do Nascimento Santos**, pedagogo, linguista e doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp) e consultor técnico legislativo (Educação) na Câmara Municipal de São Paulo

---

### ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---



# ***O samba de bumbo paulista: contos e lendas***

**\* João Mário Machado**

O samba de bumbo paulista, ou como denominou Mário de Andrade, "O samba rural paulista", é uma modalidade de samba existente apenas no interior de São Paulo. Ele nasce nas fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba e é trazido para o interior com os escravizados que migraram para essa região. O samba é feito sistematicamente por instrumentos de percussão em que o bumbo domina visivelmente, obedecendo a uma regra africana de música na qual o grave é o solista, como em muitas outras manifestações de origem africana.

Hoje, no Estado de São Paulo, existem apenas sete grupos tradicionais deste samba, sendo eles: O Samba do Cururuquara e o Samba do Grito da Noite, ambos de Santana de Parnaíba; O Samba de Roda, de Pirapora do Bom Jesus; O Samba da Dona Aurora, de Vinhedo; O Samba Lenço, de Mauá; O Samba Lenço, de Piracicaba; e O Samba Caipira, da cidade de Quadra.

Em Parnaíba, esse samba pode ser visto no dia 13 de maio, no bairro do Cururuquara, na festa em louvor a São Benedito e Nossa Senhora do Carmo, realizada pela primeira vez em 1888, em comemoração à libertação dos escravos, tendo um caráter mais religioso, e no Carnaval, com O Grito da Noite, que tem um caráter totalmente profano. Também aparecem figuras que são considerados patrimônios da cidade, como os bonecos e os cabeções, feitos de papel sobreposto e cola de farinha de trigo.

Um cortejo "sinistro", que sai do largo da matriz e percorre as ruas do centro histórico, até as portas do cemitério, com tochas, caveiras, mascarados e crânios de bois e burros em ponta de mastros.

*\* João Mário Machado, arte-educador, pesquisador e vivente das expressões da cultura popular de São Paulo*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# Neurociências frente aos desafios da atualidade

### \* Regina Migliori

O potencial ético e benéfico dos seres humanos, relevante para a construção de uma cultura de paz, está no foco de evidências neurocientíficas, que vêm reformulando alguns entendimentos sobre o comportamento humano.

A partir de pesquisas neurocientíficas, a educação em valores deixou de ser exclusivamente um tema filosófico para ser também uma abordagem de desenvolvimento humano, que pode e deve integrar o processo educativo, viabilizando ações que resultam no aprimoramento do equilíbrio subjetivo de educadores e estudantes, na melhoria dos níveis de atenção, na aprendizagem e relacionamento, na diminuição dos níveis de estresse, na desatenção, na hiperatividade e impulsividade, na conscientização sobre qualidades como aceitação, na amabilidade e empatia.

Tudo isso resulta no favorecimento da capacidade de refletir e influenciar as experiências introspectivas cognitivas e a externalização dos comportamentos com foco em valores humanos e cultura de paz.

\* **Regina Migliori**, coordenadora do Programa MindEduca - Educação em Valores, Neurociências e Cultura de Paz

## ANOTAÇÕES

# ***O cérebro da criança ao adolescente: funções executivas na escola***

**\* Adriana Fóz**

O cérebro é o nosso mais importante órgão do aprendizado. Conhecer e entender o seu funcionamento é o caminho mais eficaz para promovermos a aprendizagem. Nosso cérebro é plástico e sendo assim podemos estimular e desenvolver muitas habilidades e competências. Porém, existem algumas "regras cerebrais", tais como períodos sensíveis, plasticidade neuronal, vulnerabilidades aos transtornos, diversidade de competências, dentre outros que não devem ser subestimadas. A maturação, o desenvolvimento e os estímulos do ambiente são tecidos de modo bastante complexo e incrivelmente particular na biografia cerebral de cada indivíduo. Tais conhecimentos são de fundamental relevância para que o educador otimize seus recursos diante a nova geração de estímulos e demandas que se impõe na sociedade e por consequência, no âmbito escolar.

A escola de hoje não é mais apenas um espaço de transmissão de conhecimentos acadêmicos. Vai muito além, pois à medida que a tecnologia, as informações e os limites físicos transcendem, ascende uma nova pedagogia. Esta que não se opõe nem subtrai, mais que soma e incorpora. O professor deve ser ainda mais respeitado e comprometido, uma vez que o espaço da relação ensino/aprendizagem contempla a construção do saber sob um entendimento ainda mais amplo do aprendizado.

Aprender sobre funções executivas, ou seja, sobre as funções de algumas regiões cerebrais que são fundamentais para o desenvolvimento e comportamento, tais como controle de impulsos, atenção sustentada, memória de trabalho, flexibilidade, metacognição, por exemplo, é uma nova demanda para a eficácia educacional. Nova, porém não mais trabalhosa para a rotina escolar, uma vez que é um conhecimento que vem para facilitar, promover compreensão e instrumentalização de uma prática ampliada e contextualizada.

No contexto dos desafios do século XXI, o estudo sobre a capacidade do cérebro assim como o conhecimento sobre seu funcionamento no concernente a práxis escolar é um recurso essencial para uma educação competente e saudável.

*\* **Adriana Fóz**, educadora, especialista em Psicopedagogia e Neuropsicologia; coordenadora-gestora do Cuca Legal-Programa de Prevenção em Saúde Mental e Emocional da Unifesp; autora dos livros "A cura do cérebro" e "As aventuras de Newneu, o superneurônio"*

# Entender como se aprende para aprender como se ensina

\* **Júlio César Furtado**

A aprendizagem é um processo interno. A princípio, essa afirmativa óbvia nos leva a duas características do processo de aprendizagem. A primeira é que, sendo um processo, a aprendizagem não se realiza de forma imediata. A segunda, por ser interno, esse processo não se mostra observável na maior parte das vezes.

Aprender é um processo complexo porque envolve a pessoa em todas as suas dimensões: cognitiva, afetiva e psicossocial. A dimensão cognitiva está ligada aos modelos mentais que utilizamos para compreender e representar a realidade. A dimensão afetiva se manifesta no processo de construção de sentido a respeito do que se está aprendendo. Quanto maior a carga afetiva com relação ao objeto de aprendizagem, mais intenso é o processo de produção de sentido. A dimensão psicossocial engloba a natureza do meio no qual nos construímos, ou seja, os lugares em que vivemos, com seus elementos motivadores, as pessoas que os compõem com suas linguagens, valores e representações e engloba, também, o tipo de percepção que criamos sobre nós mesmos.

A Disposição Para Aprender (DPA) é o estado emocional em que se encontra uma pessoa diante de uma situação de aprendizagem, podendo ser favorável ou desfavorável. Sua principal característica é ser uma predisposição inconsciente, que não podemos controlar pela vontade.

Para chegarmos ao "mundo cognitivo" do aluno, precisamos passar antes pelo seu "mundo cultural" e pelo seu "mundo emocional". A aprendizagem é um processo que exige que o aluno se "desarme" e para "desarmá-lo", é preciso compreender e valorizar sua visão de mundo e oferecer suporte às questões emocionais.

O professor precisa organizar a aula, tendo consciência de todos esses processos. Sugerimos a organização da aula em três grandes momentos. O primeiro deve ser voltado para a organização prévia, o segundo para a apresentação do conteúdo e o terceiro para a estrutura cognitiva do aluno.

A aprendizagem ainda é processo cientificamente obscuro. O professor precisa estar cada vez mais atento a esse caminho para que possa se tornar um verdadeiro facilitador da aprendizagem. Essa, indiscutivelmente, parece ser a tarefa docente nesse século XXI.

\* **Júlio César Furtado**, professor, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana (Cuba) pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, especialista em Programação Neurolinguística (PNL) e vice-reitor da Uniabeu (RJ)

# Heranças culturais: índios e africanos

\* **João Batista Félix**

Desde 2003 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi alterada, com a inclusão da História da África e dos afro-brasileiros. Em 2008, ocorreu nova alteração incluindo a História dos Povos Originários do Brasil. O que podemos notar, até o momento, é que praticamente inexistente uma vontade política, tanto oficial, como do conjunto dos magistérios fundamentais, médio ou superior, na implementação destas deliberações legislativas.

O que chama nossa atenção é que a história geral ensina nos níveis escolares conheça o Egito, mas nunca informa que este país se encontra no continente africano. A deturpação é tamanha, que todas as representações iconográficas sobre a história egípcia são brancas. Sobre os povos que aqui viviam, o que se ensinam é que "foram descobertos", como se tivessem perdidos e o contato com os europeus tivesse sido a melhor coisa que poderia ter acontecido em suas vidas. Nada se fala do maior extermínio étnico que estas populações sofreram.

Atualmente, o que temos é o fato de muitos professores, dos diversos níveis, mesmo com o aumento de publicações de livros com temas sobre a história da África e dos povos originários das américas, em língua portuguesa, argumentarem que não são capacitados nesta área. Mais interessante é que ninguém tem problemas em se capacitar em história da Europa, desde o mais remoto tempo.

Esta palestra terá como principal meta demonstrar o quanto estes argumentos são falaciosos e procuram encobrir uma postura política e ideológica, bastante carregada de discriminação, preconceito e racismo.

\* **João Batista Félix**, doutor e mestre em Antropologia Social, licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), diretor de Cultura do campus de Tocantinópolis e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da África e dos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

# **JACY ÎANDÉ JACY**

## **514 anos de resistência indígena: saberes, abordagens, pesquisas e possibilidades de ensino**

**\* Carlos José F. dos Santos (Casé Angatu)**

Na atualidade o Brasil vivencia conflitos em relação aos territórios indígenas em diferentes lugares. Porém, vale lembrar que tais conflitos possuem uma história de 514 anos, desde a chegada dos colonizadores europeus. De um lado, ações de repressão (mortes, prisões, criminalizações alterações na política de demarcação), e de outro lado, resistência dos povos indígenas, bem como o crescimento populacional dos mesmos.

Objetivamos refletir acerca de dimensões das Histórias, Saberes e Culturas Indígenas brasileiras, tendo como recorte territorial mais específico a cidade de São Paulo e o povo Tupinambá de Olivença (Ilhéus/Bahia) onde moramos. A ideia é incentivar estudos e pesquisas sobre os povos originários, constituindo relações com o ensino por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e com a aplicação da Lei nº 11.645/2008, que estabeleceu as "diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Por isso, buscamos: possibilitar uma compreensão inicial acerca de formas de abordagens e conceitos relativos às histórias, culturas e saberes indígenas; potencializar a aplicação da Lei nº 11.645/2008, refletir acerca das semelhanças e diferenças entre educação indígena, educação escolar indígena e ensino das histórias, culturas e saberes indígenas; incentivar a pesquisa e o estudo da temática indígena na área de história, ensino, memória, identidade, oralidade, territorialidade, religião/religiosidade e cultura.

"Oh! Devolvam nossas terras; nossas terras nos pertencem. Nelas ensanguentaram e mataram nossos parentes."

*\* Carlos José F. dos Santos (Casé Angatu), professor da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (Ilhéus-BA), doutor pela FAU/USP; mestre pela PUC/SP, autor dos livros "Nem tudo era italiano - São Paulo e pobreza na virada do século XIX-XX" e "Identidades urbanas e globalização: constituição dos territórios em Guarulhos/SP"; indígena e morador no território Tupinambá, em Olivença (Ilhéus-BA)*

# Educação e a nova ordem mundial

\* **Dagoberto José Fonseca**

O processo educativo na contemporaneidade requer de todos os envolvidos um conjunto de conhecimentos que possam ser transmitidos para um leque amplo de sujeitos sociais, sobretudo atendendo às questões que envolvem as particularidades, as diferenças de cada um, até porque não podemos pensar ou realizar uma educação para todos, mas que os façam se tornar apenas uma massa amorfa, sem história, sem cultura e sem rosto. Portanto, produzir educação é produzir no contexto global, mas atendendo à diversidade de cada envolvido no processo de ensino/aprendizagem e considerando que este processo é dinâmico e bastante mutável.

A nova ordem mundial necessita, portanto, de educadores educados para compreender os fluxos informacionais e transformá-los em material educativo à medida que promovem conexões as mais diversas, na medida em que tanto professores, estudantes e escolas são porosos, ou seja, são atravessados por um conjunto de dados imagéticos, performativos, sonoros e estatísticas que buscam de um lado trazer referências sensoriais, mas também atender às necessidades de mensuração do que foi produzido justamente para responder aos desejos capitalísticos do mercado de bens simbólicos que envolve a educação, enquanto lugar da produção também das máquinas, ou melhor, dos corpos institucionalizados ou rebeldes de nossos estudantes.

A nova ordem mundial, neste sentido, conta com diversas modalidades de seu fazer e, entre elas, a da educação a distância, que informa sem educar, mas que pensa no processo educativo enquanto técnica, mas não enquanto relação social de convivência, isto de vivência física e psíquica junto com o outro.

Esta é uma questão importante para o nosso tempo, na medida em que estamos fazendo tudo a distância, seja no tempo, seja no espaço. Estamos longe, pois, terceirizamos para outros o papel de educar, sem arte, sem cheiro, sem sabor, sem pegar, sem se envolver com o diferente de nós.

\* **Dagoberto José Fonseca**, livre-docente em Antropologia Brasileira pela Faculdade de Ciências e Letras (Unesp) - campus de Araraquara. Docente da Unesp e chefe do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia

# ***A educação contemporânea e à luz das concepções de Edgar Morin***

**\* Eduardo Silva Alves**

Uma nova ordem mundial no campo da educação se configura gradual e velozmente ao mesmo tempo em que os seus desdobramentos práticos e teóricos nos chamam a atenção para o debate. No âmbito filosófico se concentram os pontos conceituais e analíticos dessa nova ordem e sobre eles se debruça a investigação do filósofo Edgar Morin. Tais pontos, num primeiro momento, foram identificados como "buracos negros" da educação, para logo em seguida serem lapidados como eixos para reflexão crítica. Tais eixos merecem a atenção de todos os que estão envolvidos com educação.

Longe de oferecer fórmulas mágicas ou receitas prontas para a solução dos mais diversos problemas que a educação no mundo se depara, a analítica proposta em "Sete saberes necessários à educação do futuro" poderá nortear práticas e debates em torno do cotidiano educacional partilhado por nossos docentes. Um agravante chama a atenção deste filósofo, a de que esses sete buracos negros da educação continuam "completamente ignorados, subestimados ou fragmentados nos programas educativos" e que, em sua opinião, eles "devem ser colocados no centro das preocupações da formação dos jovens que, evidentemente, se tornarão cidadãos". Os termos conceituais desses 'sete saberes' se distribuem entre elementos de ação e reflexão que, segundo o autor, são: "as cegueiras do conhecimento", "o conhecimento pertinente", "a condição humana", "a identidade terrena", "o enfrentamento das incertezas", "ensinar a compreensão humana" e, por último, "ensinar a ética do gênero humano".

Esta conferência tem por objetivo discorrer sobre esses elementos, os articulando com o momento presente sem perder de vista o processo histórico.

**\* Eduardo Silva Alves**, doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---



# ***Inquietações no Brasil atual***

**\* Nílson José Machado**

Quatro grandes temas me inquietam como cidadão brasileiro, nos dias atuais. O primeiro é o fato de que, a despeito da absoluta indissociabilidade do par Democracia/Educação, fato suficientemente destacado por Dewey há quase um século, a importância de uma educação básica de qualidade como condição de possibilidade do bom funcionamento de um regime democrático não parece ter guarida entre nós. Permanecemos admirando mais os espertos do que os estudiosos, qualquer que seja a área de atuação.

O segundo é a constatação de que as políticas públicas na área de Educação são, frequentemente, políticas de governo, e não de Estado, e muitas vezes, nem mesmo de governo, mas de governantes. Ações educacionais sucedem-se no tempo sem continuidade ou consistência, transformando-se em meros furos n'água, assim que mudam os governantes.

O terceiro é decorrente da carência de projetos no campo educacional, que vive de planejamentos relativamente desconexos e desconectados da realidade, justamente em razão da ausência de projetos que os articulem. Chegamos à anomalia de ter na Constituição Federal um artigo que determina a existência de um Plano Nacional de Educação, mesmo sabendo que planos são etapas de operacionalização de projetos, e que os projetos inexistem.

O quarto é a constatação de que carecemos de uma arquitetura de valores, que possam sustentar os projetos de que carecemos. A pressuposição básica da assimetria na constituição dos valores, para fundar uma Ética, passa bem longe das práticas atuais. Um comportamento eticamente defensável não pode alimentar-se de justificativas baseadas nas simetrias do tipo "todo mundo faz". Vivemos um desequilíbrio notável entre direitos e deveres, entre autoridade e responsabilidade, entre integridade e tolerância.

Por onde começar?

*\* Nílson José Machado, professor, mestre em história e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP), livre-docente na área de Epistemologia e Didática na Faculdade de Educação da USP (Feusp) e autor de vários livros para crianças a partir dos cinco anos*

# Planos de educação: para quem?

## Educar para quê e para quem

\* Cecília Hanna Mate

Pensar e discutir possibilidades de favorecer iniciativas, individuais e coletivas, de impulsionar e fazer germinar experiências que venham ao encontro de uma escola inovadora e atenta às necessidades das crianças e dos jovens que nela estudam é o desafio que se apresenta a cada um de nós e a todos nós envolvidos com a escola pública.

Trata-se, porem de um desafio que para ser enfrentado com algum êxito necessita discussão corajosa e realista. Considerando que toda a equipe escolar (professores, coordenadores pedagógicos, diretores, assistentes, funcionários) tem sua responsabilidade na dinâmica da escola, um dos objetivos desta palestra é discutir como esses sujeitos podem ajudar a (re)significar o projeto político pedagógico da unidade e trabalhar para a construção de uma escola mais justa, democrática, humana e que aprenda a lidar com os problemas e conflitos que fazem parte do cotidiano escolar. Afinal todos os espaços da escola podem ser considerados ambientes de aprendizagem.

Para isso, é importante discutir alguns aspectos do que podemos entender por currículo. Dentre os vários aspectos que o compõe - como formas de ensinar, aprender e avaliar; conjunto das disciplinas escolares; modo de organizar o espaço, os horários e o funcionamento da escola; normas que podem reger a escola; diferenças entre o currículo da escola e o currículo oficial - todos eles precisam ser pensados a partir do trabalho coletivo da escola. Penso que decisões, projetos, inovações, enfim tudo o que envolve, ou poderia envolver nossas atividades escolares, passa pelo trabalho coletivo. Nunca é demais lembrar que o aluno passa por vários professores e várias disciplinas do currículo. Por isso, precisamos nos esforçar para construir projetos em grupo e lidar com nossas dificuldades de trabalhar coletivamente.

Além disso, sabemos que o trabalho isolado reduz as possibilidades de acertos já que a troca de saberes e experiências propiciam melhor visão dos problemas e ampliam as chances de êxito. Tal troca se torna ainda mais necessária, pois educar nos dias de hoje requer consciência das dificuldades, das mudanças, da complexidade do mundo atual. Enfim "é preciso estar a altura do presente" como já disse um filósofo.

Abordando o trabalho coletivo na escola como base para vislumbrar uma escola que atenda às crianças e jovens que nela estão, discutirei: **o sentido do planejamento coletivo; a importância das experiências de professores e educadores; um currículo para a autonomia da escola.**

\* *Cecília Hanna Mate*, livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp)

**Sexta-feira, 24/10**

## **Educando para a superação. Utopia?**

**\* Gabriel Perissé**

Somos perfectíveis. Esta afirmação traz esperanças e apreensões. Seres utópicos, entre o "ainda não" e o "quem sabe, um dia", lutamos por dias melhores. Mas somos igualmente assediados pelo cinismo e pela desesperança, o que se traduz em comportamentos de convivência com o que nos diminui e rebaixa.

A superação se aprende. Por "contágio". Precisamos conhecer pessoas que souberam superar-se para "mimetizar", não aquela superação em particular, mas o processo pelo qual a superação é possível.

O pensador espanhol Julián Marías refere-se aos "impossíveis necessários". Trata-se de necessidades que não podemos satisfazer. Que é utópico satisfazer. Que virtualmente não poderão ser satisfeitas. Mas esta impossibilidade não anula a necessidade. O amor como fonte de felicidade (Agostinho dizia que ser feliz é amare et amari) é um impossível necessário. É impossível, mas continuará sendo necessário.

Conhecer pessoas que se superam, à medida que continuam em busca dos impossíveis necessários, é inspirador. Os antigos se referiam à "imitação" como processo de aprendizagem. Uma imitação criativa, pois implica em dialogar com o "imitado" a fim de encontrar modos de viabilização possível.

O diálogo é uma forma de encontro. Segundo Alfonso López Quintás, o encontro consiste num entrelaçamento de liberdades. Quando dialogamos com exemplos biográficos de superação, iniciamos processos criativos.

A ética da superação requer esforço receptivo, cuja eficácia consiste em observar e absorver os valores, transformando-os em virtudes. Virtude é virtus, força, mas uma força leve, corporificação dos valores. Valores podem ser conhecidos. Conhecer é conascer, "nascer com". Os valores da tolerância, da coragem, da justiça devem ser observados como aquilo que confere sentido às ações virtuosas. Observando-os, é possível absorvê-los e, num dado momento, recontextualizá-los em novas ações, em ações pessoais. Renascer eticamente, revalorizando os valores.

Nós, educadores, precisamos aprender a superar-nos, a fim de que nossa ação irradie valores, que não podem ser "ensinados" diretamente, mas absorvidos por quem se aproximar do campo de irradiação.

*\* **Gabriel Perissé**, professor e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Santos*

# Novos conceitos para humanizar o cotidiano

\* Ana Gracinda Queluz Garcia

O problema da humanização do cotidiano, apesar de sempre ter existido, apresenta-se atualmente como eixo do reequilíbrio de nossa vida. Os noticiários televisivos, os jornais, revistas e redes sociais preenchem o nosso cotidiano com conteúdos repletos de violência física e emocional, que geram insegurança, insatisfação e diminuição do nível de compreensão e de paciência. Por outro lado, os sentimentos que surgem nos primeiros contatos com esses fatos, tanto podem produzir sentimentos de solidariedade, de colaboração e de cooperação, como também sentimentos de admiração da violência e fortalecer comportamentos persecutórios e vingativos.

O espaço da escola na mídia, na maioria das vezes é preenchido com as brigas entre alunos, atitudes violentas contra professores, tanto durante o período de aulas como, na calada da noite quando a escola é invadida, roubada e danificada. Além dessa violência noticiada, há aquela que se manifesta sem alarde, na sutileza dos olhares de desprezo, do sorriso forçado, da má vontade, das palavras que ferem, e cujo resultado tanto pode ser o silêncio e o conformismo, como a explosão de violência.

Como professores, sentimo-nos muitas vezes no centro de um furacão, que se não nos machuca fisicamente, marca nossa trajetória profissional, com sentimentos de impotência diante da desumanização, que está presente no nosso cotidiano. Considero que educar é humanizar e que precisamos ressignificar nosso papel e nossa função como educadores. O primeiro passo é reconhecer o ser humano como inacabado, portanto, em constante processo de humanização ou de desumanização.

Nossa educação é marcadamente tarefaira, o tempo de educar é o do relógio e pouco resta para o desenvolvimento da sensibilidade, da criação, do *insight* e do diálogo, que são fundamentais no processo de humanização. Os professores necessitam aprender a lidar com dilemas, afastando-se das extremidades para encontrar, no centro, o equilíbrio. Isso será possível se o clima da escola possibilitar aos professores, coordenadores e funcionários, condições para que, sintam-se e seguros possam ter coragem suficiente para criar e poder orgulhar-se de seu trabalho.

\* **Ana Gracinda Queluz Garcia**, doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP)

Vivemos uma era de avanços tecnológicos e descobertas científicas sem precedentes. Anualmente, a humanidade produz o mesmo volume de informações que levou 40 mil anos para acumular. Nos últimos 25 mil anos (contados até 2002) o homem gerou um volume de informações escritas equivalente a cinco *hexabytes*. De lá até 2006, ou seja, em um intervalo de quatro anos, produziu mais de 160 *hexabytes*. Em 2010 ultrapassamos a marca de 900 *hexabytes*. (um *hexabyte* equivale aproximadamente ao conteúdo de 100 mil bibliotecas do Congresso Nacional dos Estados Unidos, cada uma delas com 19 milhões de livros e 56 milhões de manuscritos).

Lamentavelmente parece que tanto conhecimento não está contribuindo em nada para se sejamos mais felizes e equilibrados.

Apesar dos avanços da medicina preventiva, cada vez mais os países desenvolvidos enfrentam epidemias de obesidade, diabetes, sedentarismo e diversos outros males decorrentes da globalização e pelo consumismo desenfreado. O estresse, por exemplo, que, até alguns anos atrás, era quase que restrito aos profissionais como bombeiros, policiais e médicos plantonistas, atinge hoje, no Brasil, 70% da população economicamente ativa. Somos o segundo país com maior incidência de estresse, ficando atrás apenas do Japão e à frente dos Estados Unidos.

Pesquisas recentes mostram que cresce assustadoramente o número de pessoas que não dormem antes de verificar sua caixa postal e acordam uma ou mais vezes durante a noite para verificar mensagens no celular. Diagnósticos de nomofobia (estresse causado pela dependência do celular) são cada vez mais frequentes. Estamos, lenta e gradativamente, sendo engolidos pela realidade 24/7 (neologismo para os mercados que trabalham 24 horas, sete dias por semana, sem parar). A privação de sono, uma notória prática de tortura, é relativamente comum e moralmente aceita, sobretudo, entre jovens profissionais que sacrificam a vida em troca de maior poder aquisitivo e ascensão social. Não sabemos mais parar, e o que é pior, parece que estamos gostando.

Mapeamos nosso DNA, mas uma parcela significativa da população mundial ainda não sabe viver uma vida equilibrada e feliz. Talvez, o novo desafio da humanidade seja redescobrir o jeito certo de ser humano.

\* **Sérgio Guimarães**, publicitário e designer instrucional, com especialização em coaching

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

## ***Políticas públicas: mutações e conflitos***

**\* Fábio Oliveira dos Santos**

Para este encontro tenho como objetivo retomar o processo da inclusão, apresentar ficha de avaliação, retomar o histórico da educação especial no Brasil e apresentar alguns pontos da carta de Salamanca.

Nosso eixo para o debate serão três:

- 1** - Qual é nossa concepção de homem/sociedade?
- 2** - Qual nossa concepção de deficiência?
- 3** - Qual nossa concepção de Inclusão?

\* **Fábio Oliveira dos Santos**, pedagogo com habilitação em Educação Especial. Especializado em Saúde Mental e TEA

ANOTAÇÕES

# **Universo musical e o gênero feminino**

**\* Renato Bulcão**

Propomos uma reflexão a respeito da importância da música na formação ideológica de uma sociedade, principalmente da sociedade brasileira.

Vamos examinar como os conceitos a respeito da mulher são organizados na imagem e na música na sociedade contemporânea, construindo assim a ideologia que deve ser interiorizada pelas pessoas. Essas imagens penetram na vida cotidiana e também nos valores pessoais. Por fim, esses valores são transmitidos aos alunos através de pais e professores, sem se darem conta da ideologia que estão divulgando.

Neste sentido, uma das mais difíceis questões é a imagem da mulher na sociedade. Vamos ver imagens e examinar letras de músicas que sugerem dignificar a mulher, mas que acabam reafirmando a sociedade machista.

*\* Renato Bulcão, professor de Filosofia, mestre em Comunicação pela USP. Participou do laboratório Escola do Futuro*

## **O feminino na educação cantado pela MPB**

**\* Marli Oliveira de Carvalho**

Cantar a história da mulher no Brasil é tarefa versátil, uma vez que contamos com um rico cancionário que retrata o feminino através dos tempos e espaços com diversas nuances, desde textos que lembram o patriarcado até canções que tratam a mulher como um ser em constante mudança.

Lembramos que a música popular brasileira (MPB) é considerada uma das produções culturais mais ricas do século XX. Atualmente, é produto de exportação, representando nosso país com legitimidade.

Com base nesta percepção, cabe à escola resgatar este patrimônio se valendo da música como um recurso que expressa de maneira sensível a cultura do povo brasileiro, bem como um facilitador do processo de ensino/aprendizagem dos componentes curriculares da educação básica.

Assim, esta palestra convida a pensar a construção da nossa brasilidade pelo olhar dos nossos compositores, visto que são pensadores e tradutores sociais de sua época.

*\* Marli Oliveira de Carvalho, especialista em Educação com ênfase em História: estudo e ensino*

# **Aprendizagens significativas: reflexões sobre o seu fazer**

**\* Flávia da Silva Ferreira Asbahr**

Trata-se de uma palestra sobre a relação entre os sentidos pessoais e os significados sociais que estudantes da educação básica atribuem à atividade de estudo. Tem como referência teórica as contribuições da Psicologia histórico-cultural, cujos principais representantes são Vigotski, Luria e Leontiev.

A partir de dados de pesquisa com estudantes do ensino básico discutiremos quais são os sentidos da escola e do estudo para criança, quais são os motivos que apresentam para a atividade de estudo e sua relação com as ações pedagógicas desenvolvidas na escola.

Discutiremos, também, como produzir motivos de aprendizagem para os estudantes a partir da organização das ações pedagógicas em sala de aula.

*\* Flávia da Silva Ferreira Asbahr, docente do  
Departamento de Psicologia da Unesp de Bauru*

## **Neurociências e educação: contribuições para uma aprendizagem significativa**

**\* Hamilton Haddad**

Atualmente, as neurociências têm alcançado grandes avanços em decorrência dos quais tem aumentado significativamente o interesse da sociedade nessas conquistas. Esse conhecimento é divulgado, ainda que de forma superficial, por meio dos diversos canais de comunicação da mídia. Como instituição importante na sociedade moderna, a escola também faz parte e se interessa por esse movimento.

Com o avanço das neurociências, também têm sido anunciadas possibilidades de integração entre neurociência e educação. Isso faz com que a educação se veja diante da tarefa de questionar a forma como a aprendizagem ocorre diante das descobertas sobre o funcionamento do cérebro e de funções cognitivas como a memória, atenção, percepção, para citar apenas algumas.



\* **Hamilton Haddad**, mestre e doutor em Fisiologia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do Departamento de Fisiologia do Instituto de Biociências da USP

# ***Violências invisíveis***

## ***Honrar a Infância na sociedade de consumo***

**\* Ana Cláudia Arruda Leite**

A verticalização das cidades, o ritmo de vida acelerado e o excesso de consumo são algumas das características do mundo contemporâneo que desafiam e interferem diretamente no desenvolvimento humano e social, em especial das crianças.

Para o desenvolvimento saudável da criança é preciso respeitar o seu tempo de descobertas, experimentações e aprendizagens. Dar a ela tempo e espaço para conhecer o mundo e a si mesma, descobrindo seus interesses, capacidades, emoções e desafios.

O brincar livre é uma oportunidade para a criança e para o adulto. É um caminho na contramão do acúmulo de informações e da construção de falsos desejos, cotidianamente induzidos pela sociedade do hiper consumo e informação. Incutir na criança necessidades que não são reais pode levar ao estresse, ansiedade e apatia.

A criança necessita ter vivências no mundo real que sejam significativas, permeadas de afeto e aprendizagens. O impacto negativo da mídia e dos jogos eletrônicos é observado tanto no desenvolvimento físico das crianças, como emocional, social e mental. Os conteúdos midiáticos, e principalmente a publicidade, estimulam em muitos casos a agressividade, o consumismo, a erotização precoce, a obesidade infantil, entre outros graves problemas que afligem cada vez mais a infância no século XXI. Seja assistindo televisão, navegando na Internet ou jogando games, a mediação dos adultos e a limitação em relação ao tempo são fundamentais.

Em um mundo cada vez mais globalizado, tecnológico e acelerado, a terceirização do cuidado e da educação tem sido cada vez mais frequente. Grande parte do dia, e em alguns casos até noite, a criança passa em instituições, como a escola, ou sob os cuidados de um profissional, como a babá, e a convivência familiar torna-se a exceção. Pesquisas mostram que a terceirização da educação e do cuidado desde os primeiros meses de vida gera graves impactos na saúde e na formação da criança.

A escola, a babá e as demais instituições socioeducativas são co-educadoras e possuem um papel importante no desenvolvimento infantil, mas é a família, nuclear e ampliada, a base para a criação de vínculos afetivos fortes e para a formação da identidade e autonomia da criança. Em um mundo cada vez mais digitalizado e consumista ter um adulto de referência para retornar e compartilhar os desafios e aprendizados é vital para o desenvolvimento saudável das nossas crianças.



# O esgotamento da escola moderna

\* Edmilson de Castro

A modernidade é o período da história do mundo ocidental, organizada política e culturalmente, em torno de três conceitos básicos: pensamento científico, universalidade de valores e capacidade do indivíduo escolher seu próprio destino.

Para que estes princípios pudessem ganhar forma na vida cotidiana das pessoas, diferentes instituições sociais foram construídas, ao longo de mais de cinco séculos em diferentes países.

Das várias instituições estruturadas pelo homem moderno para alavancar seu projeto civilizacional, a escola é aquela que simboliza, com maior clareza, os desejos éticos e morais inerentes à utopia humanista moderna.

Foi ela que ao longo do tempo produziu uma imensa maquinaria para voltada ao trabalho de normatizar e disciplinar os corpos e as vontades de jovens e crianças, com o objetivo de prepara-los para aceitar as regras do mundo social adulto.

Essa maquinaria teve no currículo escolar seu instrumento básico de fabricação de alunos e professores, na esperança de que um novo tipo de homem fosse moldado de dentro dos muros da escola. Um homem virtuoso e dócil aos dispositivos reguladores de uma instituição - a escola - nascida para disciplinar e punir.

Mas a partir do século XIX os pressupostos que forjaram o mundo moderno e a instituição escolar, perderam força e capacidade de moldar a subjetividade da juventude. O poder de adestrar e disciplinar praticado por educadores esgotou suas energias e possibilidades e, desde então, entramos em um processo de crise de valoração no plano ético e educacional, que tem posto à prova a capacidade profissional e os sentimentos de todos aqueles que atuam na escola.

Esta palestra pretende, na medida do possível, traçar o caminho histórico que nos levou ao impasse ou às incertezas que hoje vivemos e apresentar aos educadores algumas alternativas conceituais para que o trabalho que se pratica na escola possa ganhar um repertório paralelo que contribua para a superação da sensação de que a educação e seus profissionais nada podem fazer diante das adversidades da educação na contemporaneidade.

*\* Edmilson de Castro, formado em História, especialista em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), professor e coordenador da entidade Espaço Atual e assessor pedagógico de prefeituras, escolas públicas e particulares*

# **Novas conexões: educação para o futuro**

## **Formação de professores para suas novas conexões**

**\* Gláucia da Silva Brito**

Entende-se que a chegada da internet às mãos dos usuários em seu ambiente de trabalho, em suas casas, nas escolas e em ambientes locados como as *lan houses* acaba por potencializar o fenômeno cultural denominado Cibercultura. E, de tal modo, pode-se concluir que a Cibercultura é a cultura na qual habitamos, dentro e fora dos espaços escolares, se considerarmos: a infraestrutura material da comunicação que nos cerca, por meio de dispositivos fixos, como por exemplo, computadores, terminais de caixa eletrônicos e dispositivos móveis, como, celulares, *smartphones*, *tablets*, entre outros; e o que não é físico, como por exemplo, os processos de ensinar e aprender a partir de códigos e linguagens, culminando com o que Lévy chama de técnicas intelectuais, que confirmam que o tempo e o espaço atual chama-se, Cibercultura.

Outro aspecto que a Cibercultura carrega, é por exemplo, o embate que há entre o valor do que é público e privado, seja no uso de redes sociais, seja no acesso a informações de outros por *hackers* e *crakers*, seja na produção e disponibilização do conhecimento de forma livre ou proprietária. Deste modo, parte-se do pressuposto de que professores não tem como "habitar" em um espaço-tempo, denominado Cibercultura, sem estar em diálogo com os desafios e possibilidades do educar neste mesmo espaço-tempo.

E nesse contexto, o da Cibercultura, a formação de professores em um espaço-tempo com uma mobilidade, plasticidade e "liquidez" tão presentes em nosso cotidiano, torna-se um desafio, ainda mais, tratando da formação continuada em serviço, aquela que ocorre quando o profissional professor já está imerso no mundo do trabalho, formação que está contida no desenvolvimento profissional desse professor. E você professor já pensou na seguinte questão: "O que gostaria que fosse desenvolvido, tratado, especificado, detalhado em um curso de formação sobre o uso das tecnologias para apoio em suas aulas?"

**\* Gláucia da Silva Brito**, professora, doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e especialista em Metodologia do Ensino Tecnológico pela Universidade Tecnológica do Paraná

**São Paulo literária:  
cultura e conhecimento além  
dos muros da escola**

**\* João Correia Filho**

A partir de roteiros literários pela capital paulista, esta palestra traz subsídios para a criação de atividades extraclasse envolvendo história, geografia, jornalismo, fotografia e, claro, a vida e a obra de grandes escritores. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e Monteiro Lobato são alguns dos cicerones de um passeio por São Paulo, pelo universo das letras e da leitura.

**João Correia Filho**, fotojornalista com especialização em jornalismo literário e autor de "Lisboa em pessoa - guia turístico literário da capital portuguesa"

## ANOTAÇÕES

## CONSULTE NO SITE DO SINPEEM:

legislação, manuais, informativos,  
programação do SINPEEM Park Hotel  
e do SINPEEM Peruíbe Hotel,  
excursões, hotéis conveniados,  
convênios diversos, Jornal do SINPEEM  
relação de todas as escolas,  
boletins de representantes e sites úteis.

**APROVEITE E MANTENHA  
SEU CADASTRO ATUALIZADO.**

Entre em contato com a  
Secretaria do sindicato.

# 3329-4516

[secretarias@sinpeem.com.br](mailto:secretarias@sinpeem.com.br)

Você também pode fazer a atualização  
preenchendo a ficha disponível no nosso site  
**[www.sinpeem.com.br](http://www.sinpeem.com.br)**



---

# SINPEEM

---

**SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP**

## **SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

Av. Santos Dumont, 596, Ponte Pequena - CEP 01101-080

São Paulo-SP - Fone 3329-4500 – [www.sinpeem.com.br](http://www.sinpeem.com.br)

e-mail: [sinpeem@sinpeem.com.br](mailto:sinpeem@sinpeem.com.br)

### **DIRETORIA**

|                                                       |                                        |
|-------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| Presidente .....                                      | Claudio Fonseca                        |
| Vice-presidente .....                                 | José Donizete Fernandes                |
| Secretário-geral .....                                | Cleiton Gomes da Silva                 |
| Vice-secretária-geral .....                           | Laura de Carvalho Cymbalista           |
| Secretária de Finanças .....                          | Doroty Keiko Sato                      |
| Vice-secretária de Finanças .....                     | Cleide Filizzola da Silva              |
| Secretário de Administração e Patrimônio .....        | Josafá Araújo de Souza                 |
| Secretário de Imprensa e Comunicação .....            | Adelson Cavalcanti de Queiroz          |
| Vice-secretária de Imprensa e Comunicação .....       | Lourdes Quadros Alves                  |
| Secretária de Assuntos Jurídicos .....                | Nilda Santana de Souza                 |
| Vice-secretário de Assuntos Jurídicos .....           | Almir Bento de Freitas                 |
| Secretária de Formação .....                          | Mônica dos Santos Castellano Rodrigues |
| Vice-secretário de Formação .....                     | Edson Silvino Barbosa da Silva         |
| Secretária de Assuntos Educacionais e Culturais ..... | Patrícia Pimenta Furbino               |
| Secretário de Política Sindical .....                 | João Baptista Nazareth Jr.             |
| Secretário de Assuntos do Quadro de Apoio .....       | José Corsino da Costa                  |
| Vice-secretário de Assuntos do Quadro de Apoio .....  | Fábio Figueiredo Resende               |
| Secretária de Seguridade Social/Aposentados .....     | Júlia Maia                             |
| Secretária para Assuntos da Mulher Trabalhadora ..... | Luzinete Josefa da Rocha               |
| Secretária de Políticas Sociais .....                 | Lílian Maria Pacheco                   |
| Secretário de Saúde e Segurança do Trabalhador ...    | Floreal Marim Botias Júnior            |
| Secretário de Organização Regional .....              | Eliazar Alves Varela                   |

### **DIRETORES REGIONAIS**

Alexandre Pinheiro Costa - Ariana Matos Gonçalves

Célia Cordeiro da Costa - Cleusa Maria Marques

Eduardo Henriques de Macedo - Gabriel Vicente França

Maria Aparecida Freitas Sales - Nelice Isabel Fonseca Pompeu

Priscila Pita de Almeida - Renato Rodrigues dos Santos

Ricardo Cardoso de Moraes - Romildo Rodrigues da Conceição

Rosemeire Rodrigues Bittencourt



# **SINPEEM**

**SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP**

Jornalista responsável: **Graça Donegati - Mtb 22.543** – Diagramação: **José Antonio Alves**

CTP: **Ajato** – Impressão: **Brasil Impresso** – 5 mil exemplares